

# Um estudo de caso sobre as causas e implicações da reprovação dos alunos na 5ª série do ensino fundamental<sup>1</sup>

Arnaldo Nogaro\*

Rachel Rese\*\*

## Resumo

A produção teórica que segue é o resultado de um trabalho de pesquisa desenvolvido em escolas públicas do município de Erechim – RS, cujo objetivo principal foi averiguar quais as causas da reprovação na quinta série do Ensino Fundamental. Esta série tem se caracterizado pela incidência de grande número de alunos reprovados. Diante dessa constatação, questionou-se sobre quais fatores seriam os geradores desta reprovação. Para responder a essas interrogações, coletaram-se dados com pais, professores, alunos, coordenadores e diretores. Usou-se como instrumento de coleta de dados a entrevista semi-estruturada, o que trouxe algumas constatações importantes. São vários os fatores que provocam a reprovação de um aluno: contexto sociofamiliar, ausência de objetivos, de sentido para com a escola e o conhecimento, organização do espaço escolar, inadequação da didática e metodologia do professor, falta de método e de estudo, fase de desenvolvimento em que os alunos se encontram do ponto de vista psicoafetivo, entre outros. Está clara a constatação de que há necessidade de uma mudança de cultura em relação à escola, ao conhecimento e à aprendizagem. É preciso que se faça a defesa da aprendizagem e da escola como o espaço que possibilita que as crianças desenvolvam sua autonomia, o gosto pelo aprender, os diferentes canais de recepção de imagens e mensagens. Só assim se estará proporcionando uma enorme contribuição para a diminuição da evasão e da repetência.

Palavras-chave: Reprovação. Ensino Fundamental. Aprendizagem.

---

\* Professor da URI – *Campus* de Erechim; Doutor em Educação – UFRGS; [narnaldo@uri.com.br](mailto:narnaldo@uri.com.br)

\*\* Aluna do Curso de Pedagogia; Bolsista de iniciação científica; [rachelrese@yahoo.com.br](mailto:rachelrese@yahoo.com.br)

## 1 INTRODUÇÃO

As possíveis causas apontadas que denotam a reprovação ou o fracasso escolar possuem sua gênese em elementos de ordem socioeconômica, afetiva, cognitiva e outros. Teóricos como Luckesi, Hoffmann, Pozo, Grossi e outros, apontam fatores de ordem interna do sujeito, como disfunções orgânicas, desmotivação, etc., e de ordem externa como a pobreza, a desnutrição que geram, por consequência, dificuldades de aprendizagem e a reprovação.

Não podemos nos furtar a uma reflexão sobre a “cultura” da escola e o jeito de viver e de ser do aluno. Cultura aqui compreendida, segundo Rocha (2005), como meio ambiente social, que imprime em cada ser uma determinada propriedade singular. Para Grossi (2005), habitualmente, a escola está desadaptada em relação às motivações e à maneira de viver desta população de alunos ao referir-se a crianças que residem nas periferias.

Os dados coletados em nosso trabalho de pesquisa trazem o posicionamento dos pais, professores, coordenadores, diretores e dos próprios alunos sobre as causas da reprovação. A pesquisa foi efetuada na cidade de Erechim, RS, um município-pólo da região do Alto Uruguai que mantém uma universidade comunitária. O estudo justifica-se, porque a reprovação dos alunos da 5ª série do Ensino Fundamental é assunto relevante, de caráter nacional, conforme se depreende dos censos escolares que apresentam os maiores índices de retenção. Essa situação repete-se nos dados veiculados pelo Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica (Saeb).

## 2 OS DADOS REVELAM<sup>2</sup>

Na visão das coordenações a falta de interesse, falta de acompanhamento da família, excesso de oportunidades desde as primeiras séries dá uma certa naturalidade à reprovação. Além disso, os professores são muito questionados e acabam aprovando os alunos sem condições.

A identificação com um professor até a quarta série, quando passam a ter vários na 5ª também gera uma certa “confusão” na cabeça do aluno e tem também toda aquela questão da adolescência (passagem para a adolescência que é uma passagem difícil), onde eles não conseguem se identificar. A situação familiar faz com que a família não possa acompanhar, não incentiva o estu-

do. Os pais não têm interesse pelo ler, o ensinar; o importante para eles é a questão da sobrevivência, trabalhar, ter um dinheiro para comer hoje e acabou. (Coordenadora A).

Para os coordenadores pedagógicos a reprovação desestimula o aluno, compromete a sua auto-estima. Mas há uma dicotomia, pois ao mesmo tempo que reprovam e ficam desestimulados, não possuem o conhecimento, os saberes necessários para passar para a série seguinte.

Na verdade quando eles reprovam aí eles se desmotivam cada vez mais, a gente ouve muitas vezes: “há porque eu já reprovei um ano, vou ter que fazer tudo de novo mesmo.” Só que por outro lado não tem como você aprovar sem que eles tenham as condições mínimas de ir para as séries seguintes. (Coordenador da Escola B).

A escola, muitas vezes, não possui muitos mecanismos disponíveis para acompanhar e auxiliar esse aluno. Algumas iniciativas são tomadas: avaliação diversificada, recuperação por bimestre, nova oportunidade após o término do ano letivo.

A gente tem tentado com essa questão, a conversa com os professores nas reuniões pedagógicas, questão da formação de tentar conscientizá-los que cada um pode fazer, em função de poder ajudar esses adolescentes. Na verdade, porque assim muitas vezes o próprio professor diz assim “há já reprovou ano passado, não tem interesse.” (Coordenador da Escola A).

Além das dificuldades apresentadas pelos alunos, os professores enfrentam aqueles relacionados à infra-estrutura e de material de apoio. Como podemos constatar na fala que segue:

Tu vê que, muitas vezes, o próprio professor está desmotivado. Colocar para eles para que cada um faça a sua parte, trabalhar com esses adolescentes a questão de que é importante o estudo para a vida deles e que para eles também é uma questão de realização pessoal. Que eles precisam disso. Na verdade a gente tem tentado assim, em turno contrário quando possível, quando a gente dispõe de professores eles dão uma revisada, naquilo que o aluno não entendeu. Só que daí a gente se depara com aquela dificuldade do professor fazer esse tipo de coisa, pois a gente não tem professor substituto, uma bibliotecária disponível, na verdade não tem recurso para poder fazer um trabalho eficiente. (Coordenadora da Escola C).

O que pudemos perceber nos depoimentos é que muitos dos alunos reprovados desistem e têm alguns que o professor já sabe que se eles repetirem vão evadir, vão sair da escola. O sentimento de impotência é grande diante de certas coisas, porque por mais que o professor queira ajudá-los, às vezes, sabe que não resolve passá-los para o ano seguinte, pois não vão ter condições de acompanhar. Ao serem reprovados vão evadir da escola, então o professor fica de mãos e pés amarrados, porque não sabe que atitude tomar. Procura motivá-los de alguma forma, sem muito resultado.

As coordenações afirmam que os alunos que possuem uma idade mais avançada do que o normal para a série que se encontram, sentem vergonha de estarem ali, pois sabem que deveriam estar em séries mais avançadas. Acabam tendo baixo desempenho em relação aos seus colegas menores e acabam criando problemas de disciplina, de relacionamento na sala de aula.

Ao abordar os pais sobre a reprovação de seus filhos percebemos que eles agem com rigor: “Surrei e botei de castigo.” (Pai da Escola A). Outro pai afirmou: “Que ele deveria ter estudado mais. Conversei e aconselhei meu filho para ele perceber o que ele tinha feito.” (Pai da Escola C). O diálogo como forma de condução e resolução das dificuldades nem sempre está presente. Segundo os pais, a falta de estudo e a ausência de uma “disciplina” maior, comprometem o desempenho do aluno: “Não, ele não estuda e ainda responde, briga, xinga e bate nas coisas. Não estuda muito, mas ele se esforça.” (Pai da Escola A).

Os pais têm a noção de tempo perdido com a reprovação e a necessidade do filho estudar mais para recuperar o ano, o que nem sempre acontece. Quando interrogados sobre em que a escola auxilia seus filhos, houve uma resposta genérica: na educação. O depoimento que segue revela que os pais têm consciência que podem ajudar seus filhos e de como a escola pode ser para que a aprendizagem ocorra.

O professor tem que ser mais “trabalhado”, tem que ter mais meios para conseguir trabalhar com os alunos, qualificação, a educação não pode ser só dentro da sala de aula, a gente vê que muitas escolas os alunos têm aula fora da sala também e o índice de reprovação nessas escolas é bem menor, e muitas vezes, acho que nem existe reprovação. Os pais também podem colaborar. Eles precisam participar mais das reuniões, dos conselhos, em tudo que acontece na escola. (Mãe da Escola B).

Os alunos que reprovam vêm na escola um lugar para aprender e têm convicções a respeito disso. Aliam a possibilidade do estudo com o fato de encontrar colegas, brincar, conviver com outras pessoas. Gostam desse ambiente e sabem que precisam estudar para serem promovidos à série seguinte, mas não o fazem. “Fiquei pensando que eu deveria ter estudado mais nas provas, e durante as aulas ter prestado mais atenção.” (Aluno da Escola A). Percebem que acabam sendo subestimados pelo fato de não avançarem na escola. “Minha irmã dizia que eu era uma burra, que eu não aprendia nada, daí eu desanimei, meu pai e minha mãe também, eles até queriam tirar o título da piscina para que eu não fosse mais.” (Aluno da Escola B).

O depoimento a seguir mostra, com evidência, como ele sente e vive a reprovação. Na sua concepção a reprovação ocorreu: “[...] porque não estudei. Não tive influência de nenhum coleguinha. Por que não estudava e meus pais me chamavam de burra, não tive influência de outras pessoas. Sim, tipo assim, que daí é ruim. Esse ano eu não vou passar, tô ruim em todas as matérias.” (Aluno da Escola A).

Ao interrogar os professores sobre a reprovação, estes se pronunciaram sobre o que percebem no dia-a-dia da sala de aula e que contribui para a não-aprovação. Para eles são várias as causas da reprovação como: a imaturidade dos alunos, a falta de interesse, pouco esforço dos professores, ideais diferenciados entre professores e alunos e, acreditamos que em casos raros, antipatia entre professores e alunos.

Falta de vontade de querer vencer na vida, porque eles têm todas as oportunidades, chances. A gente se prepara para dar as aulas como em qualquer outro lugar (aqui ela relata, que como ela trabalha numa escola particular, os planos de aula são os mesmos), é a falta de interesse mesmo. Eles não tentam resolver os exercícios. (Professora da Escola A).

Perguntamos se é falta de atenção durante a aula? A professora diz:

[...] que, prestar a atenção ele prestam, pelo menos eles olham pra gente, se você pergunta se entenderam eles respondem que sim, pra muitas vezes se escapar daquela pergunta chata, o que você não entendeu? Vem no quadro e me explica, ou, vai fazer no quadro e me mostra o que você não entendeu, e o que você entendeu, “ah! Lá vem a profê”. Falta de vontade e interesse mesmo de querer aprender. (Idem).

Os professores procuram desenvolver metodologias que oportunizem melhores aprendizagens. Usam instrumentos para contemplar as diferentes habilidades dando oportunidade para todos, tais como: provas e trabalhos orais e escritos, apresentações e músicas. Os instrumentos acabam sendo diversificados como forma de melhor contemplar e apanhar o que o aluno tem para expressar.

Cálculo mental, provas, trabalhos onde eu aplico a etnomatemática, onde eles têm que me dar o significado do que entenderam, eu faço muito a análise de interpretação também, colabora com a professora de português, porque não adianta eles só fazerem o cálculo. Acho que as quatro operações básicas eles tem que saber, tabuada, e ali eles têm que mostrar a interpretação, porque se eles estão fazendo um problema, como é que ele vai fazer, que tipo de conta ele precisa fazer. Esquema, a lógica através da interpretação. (Professora da Escola C).

Os meios que o professor lança mão para despertar e prender a atenção do aluno podem ser determinantes para que ele se envolva com aquilo que o professor está propondo. Na sala de aula convivem vários interesses e confluem necessidades múltiplas. Como centrar a atenção e o foco em um objetivo único? Como evitar a “dispersão” e conseguir um grau maior de concentração? Como convencer que aquilo que o professor vai transmitir é importante? Essas são apenas algumas perguntas que revelam a face dos inúmeros desafios que o professor enfrenta para fazer a aula acontecer.

Prender a atenção, centrar o foco, fazer com que o aluno esteja voltado ao que o professor vai dizer constituem-se em desafios para que a recepção possa acontecer. Cada ser humano tem mecanismos de recepção, de informação, de mensagens diferenciadas que são mobilizadas de acordo com o interesse de cada um. Para Paim (2005), a recepção é, de fato, o momento crucial, porque, em sua ausência, não haverá aprendizagem.

Para os professores, o fato de o aluno reprovar compromete sua imagem e provoca uma retração na sua vontade de seguir estudando. Por outro lado, às vezes, é um mal necessário.

Fica um trauma no aluno, porque os colegas vão adiante e ele é rotulado como “burro”. Não deveria existir reprovação, deveria existir apoio de outro professor de fora, com menos alunos para atender, daí ele consegue atender a todos e resolver as dificuldades de cada um, vai recuperar esses alunos. (Professora da Escola B).

Segundo os professores, é certo que as conseqüências virão mais tarde, pois o aluno pode não se dar conta na hora que em termos de estudo foi um ano perdido. Vai depender de cada aluno o tipo de conseqüência que irá interferir na sua vida escolar.

Do ponto de vista prático de sala de aula, as conseqüências da reprovação seriam assim: o aluno fica fora da idade dentro da série ele perde o interesse, tudo se torna repetitivo para ele e ele começa a provocar tumultos na sala de aula. Para ele o interesse é menor e como os outros que vêm da 4ª série são ainda crianças menores, aí a professora não tem como individualizar o tratamento a eles e ajudá-los melhor. (Professora da Escola C).

Como os alunos que freqüentam a escola são pobres, não conseguem ter professor particular e a escola não dispõe de recursos humanos para encaminhar esses alunos para oficinas de reforço, o caminho é fazer com que os alunos tomem consciência da sua responsabilidade em sala de aula.

Na visão dos professores, as medidas são emergenciais e nem sempre surtem o efeito desejado. O problema se agrava mais quando o aluno possui idade superior aos demais colegas.

A gente tenta fazer assim: tentou fazer turmas separadas. Já se tentou pedir que eles fizessem apoio entre eles, solicitando assim até que eles trocassem de escola para ajudar na motivação. Tu tenta motivar ele, apesar da idade ele tem, o que é oferecido pelos professores dentro da sala de aula não corresponde às suas expectativas. (Professora da Escola B).

A indisciplina, a falta de motivação, o descontentamento com o próprio professor são muito comuns. Depois da reprovação, os alunos não vêem mais aquele professor com os “mesmos olhos.”

[...] não dizem que eles reprovaram. Quem os reprovou foi o professor, então aí cria uma distância de confiança do professor e do aluno porque o professor gostaria de que aquele aluno correspondesse, porque ele já é repetente e ele deveria produzir mais do que aquele que está entrando agora na sala de aula e, o aluno por sua vez, acha que o professor foi o culpado. (Professora da Escola A).

Como resolver a questão da “indisciplina” ou da falta de atenção ao professor e à proposta da aula? Para Paim (2005), o princípio estético da relação entre professor e aluno é a sedução exercida pelo professor. Quando o aluno não atende ou não corresponde com atitudes que demonstre a capacidade de sedução do professor, este fica intrigado, incomodado, porque está pondo em xeque sua “aula”. Acontece que nem todos os alunos respondem da mesma maneira ao apelo e ao convite do professor: alguns silenciam, outros ficam atentos, há os que se movimentam na sala, aquele que passa a fazer outra coisa, etc. Assim, o professor se vê na obrigação de tomar uma atitude em favor da “aprendizagem” e passa a reprimir ou agir com maior rigor, seja chamando a atenção em voz alta ou batendo as mãos na carteira, para que haja uma convergência de seus alunos em torno do proposto. Todos nós, professores, desejamos ser ouvidos por nossa sedução e não por obrigação, mas quando nossa argumentação é questionada apelamos e de fato “[...] onde termina a capacidade de sedução do professor começa o apelo em favor de sua autoridade.” (PAIM, 2005, p. 79). O apelo à “autoridade” transforma o ambiente da sala de aula, estabelece uma condição menos amistosa que nem sempre contribui para a aprendizagem. A “indisciplina” assim compreendida é muito mais uma ausência de sintonia no ambiente da sala de aula do que um desrespeito ao professor e o que ele representa, embora, no dia-a-dia haja situações bem reais que comprovem a necessidade do professor fazer-se sentir.

Por coincidência ou não, não raras vezes, os alunos que reprovam são aqueles que não “sintonizam” com o professor ou que exigem que ele faça uso da autoridade. O que vale dizer que o fato do professor não conseguir seduzir esses alunos é mais uma consequência de uma situação pessoal ou criada no ambiente escolar, do que a causa da reprovação. A reprovação é demonstração tácita das incompreensões entre o que se ensina e o que se aprende, a revelação da distância entre a “cultura” do aluno e a do professor; entre o que o aluno vive e aquilo que o professor deseja que ele seja.

Re-aprender que o educando de hoje fomos nós ontem e queríamos ser respeitados acima de qualquer impossibilidade, queríamos ver nos educandos companheiros na caminhada do aprender, aprender com eles, gostar deles, descobrir com eles e ser revelados com eles, superando nossos medos, limites e defasagens. (SANCHES, 2005, p. 26).

Na concepção dos professores, muito vem da família, do maior ou menor apoio que ela dá. Há pouco incentivo. A baixa escolarização dos familiares, que não têm condições de acompanhar o filho, somada ao desinteresse deles, por uma ausência de perspectiva para um futuro melhor culmina na reprovação.

Eles têm muita liberdade, sabem que não vão ser punidos, então dizem o que querem para o professor porque o Conselho Tutelar está do lado deles. Também tem a questão da falta de leitura, não tem incentivo de ninguém. Em casa os pais não dão, em vez de proibir a televisão e incentivar a ler um livro, não, não fazem nada para incentivar, nada em favor da importância da leitura. (Professora da Escola B).

Muitos professores carregam consigo concepções equivocadas sobre a aprendizagem e a realidade dos seus alunos. Para eles, muitos alunos de classes populares apresentam debilidades intelectuais congênitas ou adquiridas que são usadas como argumentos em favor da tese da reprovação. Isso nem sempre se confirma na prática. Para Grossi (2005), trata-se de um preconceito ideológico que obscurece as reais causas de insucesso do aluno e de seu maior envolvimento por parte do professor.

O mundo no qual residem os alunos de classes populares e o mundo das crianças ricas verdadeiramente são diferentes, o que não significa que necessariamente seja pior para os pobres e que justifique seu fracasso ou o não investimento da escola, dos professores da sociedade no sentido de buscar a promoção dessas crianças menos favorecidas. Mas fatores relacionados ao seu modo de vida e a forma como as pessoas pensam a seu respeito influenciam sim, e muito, nas oportunidades que terão ou que lhe serão oferecidas. “O estigma de incapacidade para aprender, como conseqüência de fracassos repetidos no grupo de pessoas próximas aos alunos das favelas é um forte entrave ao sucesso na escola.” (GROSSI, 2005, p. 22).

A distância do “mundo” do professor para o “mundo” do aluno estabelece um vácuo que fortalece o sentimento do aluno de que a escola não é para ele. A ausência de um sentido maior para com a escola influencia, sobremaneira, na motivação do aluno para aprender.

A idéia de força de vontade ao ser empregada pelos professores para explicar o sucesso de alguns alunos seus diante do fracasso de muitos outros, pode ser aqui, traduzida, em termos antropológicos, como uma forma do professor se referir ao talento que têm alguns para aprender o corpo da letra em detrimento da ausência de talento em outros. (ROCHA, 2005, p. 54).

O professor que trabalha com essas crianças precisa compreender esta sua condição para poder interferir significativamente em seu favor. Mas o que temos nisto é “[...] uma quase absoluta ignorância da maioria dos professores em relação aos saberes e fazeres que fundam as formas de vida social de onde originam-se os seus alunos.” (ROCHA, 2005, p. 50). Pois além de possuírem uma realidade comum de pobreza, possuem, ao mesmo tempo, “sua” própria particular.

Posturas e abordagens de ensino contextualizadas a este tempo presente poderão representar uma contribuição para a reconstrução de uma escola que respeite o educando. Projetos, métodos e didáticas adequadas podem construir com significado um processo de ensino/aprendizagem que “dê vida” aos ensinantes/aprendentes, autores e atores do aprender. (SANCHES, 2005, p. 20).

Há outro componente importante que deve ser lembrado nesse processo que é a formação do professor. Não podemos responsabilizar pura e simplesmente o professor pelo fracasso do aluno. Em muitos casos, o professor não possui instrumentos, nem formação adequada, para enfrentar as dificuldades que o trabalho do dia-a-dia lhe coloca. Como formadores precisamos pensar na forma, no modo como acontece a qualificação deste professor. Há necessidade de pensarmos nos diferentes níveis de atuação do professor, mas há que se ter uma atenção especial com os que vão atuar na alfabetização, especialmente os cursos de Pedagogia precisam refletir e trabalhar para que se “[...] consiga neles preparar o professor para subverter um tal dispositivo pedagógico instaurado no cotidiano das escolas do país, principalmente aqueles dispositivos que atendem as populações residentes em bairros populares.” (ROCHA, 2005, p. 47).

O professor tem um papel importante que é o de mobilizar o aluno para chegar ao conhecimento. Para Paim (2005), o professor como “corpo” vivo empresta suas emoções para que o conhecimento “letra morta”, passe à vida. Para que se transforme em um fazer emocionante, para que se interesse, o mestre precisa atingir o aluno, “golpeá-lo”. “Quem ensina é um ator que dramatiza o conhecimento, tem que escolhê-lo e tem que atuá-lo.” (PAIM, 2005, p. 71).

Para as direções de escola um dos fatores da reprovação é por que os alunos saem de uma 4ª série (currículo) e iniciam no fundamental com um professor para cada matéria. É uma adaptação completamente diferente do currículo, a imaturidade também pode ser uma causa de reprovação (não necessariamente). Há um conjunto de fatores.

Primeiro eu acredito que é a dificuldade que eles têm de se distribuir em disciplinas com vários professores, um pouco é desinteresse, eles já estão numa idade onde a adolescência é mais difícil de viver essas mudanças e também ao fato deles não estudarem, eu acho que a 4ª série deveria ser organizada em disciplinas para poder facilitar a esses alunos. (Diretora da Escola C).

No pensar de Sanches (2005), a escola/professor de hoje precisa trazer no bojo de seus objetivos a visão de aprendizagem que não concebe o homem como um ser, objeto fragmentado, com o processo do aprender a conhecer ocorrendo de forma alienada, superficial, estigmatizada e desarticulada das outras áreas do conhecimento, em que cada área trabalha o seu viés, sem significado.

### **3 PARA NOSSA REFLEXÃO**

Quando olhamos para a escola, para a sua organização, para a forma como acontece a relação professor aluno e nos fixamos com mais profundidade na relação ensino-aprendizagem, no ato de “transmissão” do conhecimento, vamos verificar que não é tão mecânico quanto acreditamos, que há uma complexidade maior que envolve esta relação. Cada um de nós aprende de uma maneira, com maior ou menor esforço, envolvendo mais ou menos emoção, estabelecendo mais ou menos sentido. Usamos nossa mente, nosso corpo, nossos sentidos. É o nosso “todo” que entra em jogo para que a aprendizagem aconteça. Mobilizamos maior ou menor energia em razão do grau de esforço que fazemos para atingir determinado objetivo.

Ouvimos professores, quase que diariamente, afirmando que não conseguem mais ser ouvidos, que possuem dificuldade de transmitir o que desejam, que os alunos estão “dispersos”, desconcentrados, enfim, que precisam fazer esforços fora do comum para atingir o mínimo desejado.

Esta realidade da escola faz pensar a necessidade de revermos os “contratos didáticos” que possuímos hoje. Quem seria responsável por essa situação? Os pais? Os professores? Os próprios alunos? Ao olharmos para a reprovação veremos que ela é a conseqüência, o reflexo, o produto de uma cadeia de múltiplas responsabilidades e inúmeras incertezas que nos fazem pensar na função e no papel da escola. A escola ainda teria sentido? Para quê os alunos vêm para esse espaço? A que se reduziu a profissão de professor?

Nossos mestres juntam forças a cada turno que passam na escola para produzir efeitos que venham contribuir com a vida e os saberes dos alunos. Mas, e se os resultados não aparecerem? Se não conseguirem mobilizar forças suficientes para a aprendizagem acontecer? Se as condições de ensino (matérias, profissionais, humanas) não se apresentarem favoráveis? Nosso trabalho como professores tem uma característica no que diz respeito aos resultados: na sua maioria são em longo prazo. Temos a certeza que mesmo assim precisamos canalizar energias para ter a garantia de que, para que o aprendizado ocorra, a recepção do aluno deverá ser a maior possível. “[...] é preciso estar atento para perceber se todos os que estão sendo ensinados estão recebendo, para que, quando dizemos algo, isto seja recebido por todos os sujeitos.” (PAIM, 2005, p. 75).

Como saber se o que ensinamos e da forma como ensinamos foi a mais adequada e a que permitiu maior compreensão? Até onde teremos a certeza de que aquilo que expressamos ou transmitimos está sendo compreendido da forma que pensamos que esteja? “Esta preocupação é importante porque pode haver uma recepção distorcida pela qual as crianças ‘aprendem’ algo que nunca foi ensinado e que pode, mesmo, contrariar o que foi ensinado.” (PAIM, 2005, p. 75). Com isso, nós pensamos que estamos ensinando uma coisa e estamos ensinando outra, porque a forma como o aluno recebeu o que propomos não coincide exatamente como acreditamos ser. Nesse sentido, Pozo (2002), afirma que talvez a aprendizagem sempre tenha sido uma tarefa difícil, mas hoje temos uma maior consciência dos fracassos da aprendizagem e da necessidade de superá-los.

Como resolver ou sair de uma situação embaraçosa criada por uma “grande” e “profunda” explicação e, em contrapartida, uma resposta direta: “não entendi”, “não sei”, “explica de novo”, “é por isso que fui mal na prova”. Todas estas situações fazem com que reflitamos sobre o ambiente da escola e da sala de aula, sobre as pessoas que ali convivem, sobre o que ali acontece. Por essas constatações podemos verificar que não é apenas uma questão de “qual a causa” ou “causas” da reprovação, mas de procurarmos entender que a complexidade é maior, que as razões não se reduzem a uma resposta na prova, a uma nota expressa, mas sem dúvida, a (avaliação) reprovação como resultado, como sintoma, revela ou manifesta de forma dura, concreta, o quanto são grandes as limitações que impedem ou não permitem que a aprendizagem possa acontecer.

A causa é a pobreza? A violência doméstica? O fato do aluno não ter estudado? O pouco incentivo do professor e dos pais? A baixa expectativa em relação ao que a escola pode acrescentar à vida do aluno? A metodologia inadequada do professor? A falta de recursos didático-metodológicos? As transformações do corpo e da mente da criança?

Assim poderíamos ir apontando tantos outros fatores que podem ser considerados causas da reprovação, mas por si só e isoladamente não explicam o fracasso do aluno e a insuficiência da escola e de nossa “pedagogia”. “[...] se a forma do fazer não corresponde mais à escola de hoje, fique com a escola e mude a forma.” (SANCHES, 2005, p. 31). Pensamos que a partir do momento em que conseguirmos sair do anonimato e assumirmos de fato a defesa da aprendizagem e da escola como o espaço que possibilita que as crianças desenvolvam sua autonomia, o gosto pelo aprender, os diferentes canais de recepção de imagens e mensagens, estaremos dando uma enorme contribuição com a diminuição da evasão e da repetência. Centrar as preocupações somente sobre a avaliação/reprovação não desvela as causas da não-aprendizagem, por que se têm produzido incontáveis estudos sobre a reprovação e o fracasso escolar, que não deram fim ao problema, porque, entre outras coisas, as concepções sobre educação, as metodologias, as relações didáticas não mudaram. A conduta educativa tem-se perpetuado a mesma. “O ambiente da escola faz o sentir da criança.” (PAIM, 2005, p. 72). Ele anuncia as relações que vão acontecer lá dentro e como o professor faz parte desse ambiente.

### *A case study about causes and implications of failure of fifth graders*

#### **Abstract**

*The following theoretical production is the result of a research work developed in public schools of the town of Erechim/RS, which aimed to check the causes of failure in the fifth grade of fundamental school. This grade has shown a great incidence of failure. Before this situation, we raised some questions about which factors would be the generators of this failure. To answer these questions, we collected data from parents, teachers, students, coordinators and directors. Semi-structured interviews were used as the data collection instrument and allowed us to get to some important considerations. There are several factors that provoke failure, such as socio-familiar context, lack of objectives, lack of sense*

*regarding the school and the knowledge, organization of the school space, inadequate teacher's didactics and methodology, lack of method and study, a development phase in which the students are from psycho-affective point of view, among others. There is a great need of changing the culture regarding the school, the knowledge and the learning. We need to defend learning and school as a space that allows children to develop their autonomy, the taste for learning, the different channels of receiving images and messages. Only then we can contribute for the decreasing of dropouts and failures.*

*Keywords: Failure. Fundamental School. Learning.*

## **Notas explicativas**

- <sup>1</sup> O texto que ora apresentamos é fruto de uma pesquisa desenvolvida em três escolas públicas estaduais do município de Erechim – RS, cuja bolsista foi financiada pelo PIIC – Programa Institucional de Iniciação Científica da URI. Para a coleta dos dados utilizamos entrevista semi-estruturada com pais, alunos, professores, coordenadores, diretores.
- <sup>2</sup> Com o objetivo de possibilitar uma melhor compreensão de nossa proposta fizemos a apresentação dos dados e sua análise agrupando as falas por categorias de respondentes, começamos pelas coordenações e concluindo com o posicionamento das direções. Coletamos os dados junto a três escolas públicas do Município de Erechim, que atendem alunos pobres oriundos de diversos bairros. Entrevistamos os diretores, professores das disciplinas que mais reprovam, coordenadores pedagógicos, alunos reprovados na 5ª série e seus respectivos pais.

## **REFERÊNCIAS**

ESTEBAN, Maria Teresa (Org). *Avaliação: uma prática em busca de novos sentidos*. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

\_\_\_\_\_. *O que sabe quem erra? Reflexões sobre a avaliação e o fracasso escolar*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

GROSSI, Esther P. Uma arqueologia dos saberes do Geempa. In: **Revista Geempa** – 35 anos, Porto Alegre, n. 10, set. 2005.

HOFFMANN, Jussara. *O jogo do contrário em avaliação*. Porto Alegre: Mediação, 2005.

\_\_\_\_\_. **Avaliar para promover: as setas do caminho**. Porto Alegre: Mediação, 2001.

MENDEZ, Juan M. Alvarez. **Avaliar para conhecer, examinar para excluir.** Porto Alegre: Artmed, 2001.

PAIM, Sara. Corpo, pensamento e aprendizagem. In: **Revista Geempa – 35 anos**, Porto Alegre, n. 10, set. 2005.

POZO, Juan I. **Aprendizes e mestres: a nova cultura da aprendizagem.** Porto Alegre: Artmed, 2002.

ROCHA, Ana Luiza C. da. Alfabetização tem um nome. Político: Democracia. In: **Revista Geempa – 35 anos**, Porto Alegre, n. 10, set. 2005.

SANCHES, Cláudio Castro. **Desconstruir construindo um caminho para uma nova escola: recuperação da escola – pensar o pensado.** Petrópolis/RJ: Vozes, 2005.

SMITH, Corinne. **Dificuldades de aprendizagem de A a Z.** Porto Alegre: Artmed, 2001.

